

Trad: André Becker Saidenberg

PÁGINA 3

CONTEÚDO

4) Uma mensagem do Diretor de Operações - Steve Milpacher

5) No local: Furacão Maria e os Amazonas no Río Abajo - Duas histórias de biólogos

10) Sobreviventes da Tempestade

16) Um Teste de Vontade:

Os efeitos do furacão Maria no Amazona porto-riquenho e suas pesquisas

20) Atualização de Río Abajo: Amazonas porto-riquenhos recebem caixas-ninho muito necessárias

21) Os sons e vistas da Costa Rica

24) Cape Parrot: Um plano de recuperação é lançado

18) PsittaNews: Notícias e Updates

Contatos WPT

20) Papagaios na Natureza: Maitaca-de-cabeça-azul

NA CAPA

Foto © Tanya Martínez

Uma amazona porto-riquenha (*Amazona vittata*) alimenta seu filhote na selva em Río Abajo.

Aprenda a história notável dessas aves com o primeiro de uma série de artigos enfocando o Projeto Papagaio de Porto Rico na página 5: Em terra: o furacão Maria e as amazonas em Río Abajo - duas histórias de biólogos.

PÁGINA 4

Uma mensagem do escritório do Steve

"Que você viva em tempos interessantes." Esta citação de quase 100 anos nunca pareceu mais apropriada do que em nossas circunstâncias atuais. Para muitos, 2020 tem sido estressante e incerto com o surto de COVID-19, mas também foi um momento de resiliência, esperança e colaboração. Momentos como este podem revelar quem somos e o que mais valorizamos. Vemos isso pelos inúmeros atos de bondade em nossas vidas diárias e pelo maravilhoso apoio que nós, do Trust, testemunhamos de nossa comunidade global de amigos e colegas como você.

Uma coisa que permanece certa é nossa dedicação em apoiar parceiros e projetos no país, e que eles permanecem profundamente comprometidos com seu trabalho de salvar psitacídeos ameaçados de extinção em todo o mundo.

E enquanto muitos de nós esperamos que nossas vidas voltem ao normal, queremos mantê-los atualizados sobre este trabalho. Nesta edição, destacamos a dedicada equipe do projeto da Amazônia porto-riquenha, que contra todas as probabilidades está ajudando as aves selvagens e em cativeiro a se recuperar e prosperar. O Vulnerable Cape Parrot está recebendo uma elevação graças a um esforço colaborativo entre o World Parrot Trust e outros com o lançamento do Cape Parrot e Mistbelt Forest Conservation Action Plan, que está traçando um curso para a recuperação da espécie. Além disso, apresentamos uma visita edificante à Costa Rica para ver papagaios selvagens e a Rede de Recuperação de Arara, e outros artigos curtos interessantes.

Portanto, enquanto você navega por esses tempos interessantes, aproveite a oportunidade para aproveitar esta edição e a esperança que ela traz muito bem sucedida.

Steve Milpacher

WPT Diretor de Operações

PÁGINA 5

NO LOCAL:

Furacão Maria e as Amazonas no Rio Abajo -

Duas histórias de biólogos

PÁGINA 6

O furacão Maria atingiu Porto Rico em 20 de setembro de 2017.

A seguir, relatos pessoais de como a equipe do projeto do Amazona porto-riquenho no aviário Río Abajo e uma equipe de resgate enviada para alcançá-los lutaram contra as consequências da forte tempestade.

Alberto Alvarez: Os furacões sempre foram uma parte indesejável, mas inevitável da vida dos residentes das ilhas do Caribe. Os papagaios não estão imunes ao perigo. O Amazona porto-riquenho criticamente ameaçado (*Amazona vittata*) teve uma história difícil com furacões; Acredita-se que San Ciprian e San Felipe tenham eliminado algumas das populações ancestrais de papagaios em 1900. Em 1989, o furacão Hugo reduziu drasticamente o que era então a última população selvagem de papagaios de 47 para 23 pássaros. Desde o início do programa de recuperação de papagaios porto-riquenhos na década de 1970, nenhuma tempestade da magnitude de Maria atingiu a ilha.

Ricardo Valentin: Às 6h15 de 20 de setembro de 2017, o furacão Maria atingiu a ilha de Porto Rico. Maria tornou-se um furacão de categoria 5 com ventos sustentados de 280 km / h. Isso o tornou um dos dez furacões mais fortes do hemisfério ocidental desde o início da manutenção de registros. No entanto, quando atingiu Porto Rico, sua força havia diminuído para categoria 4, com ventos sustentados de 250 km / h. Foi o furacão mais forte a atingir a ilha em 85 anos.

O Programa de Recuperação de Papagaios de Porto Rico passou muitos anos se preparando para tempestades severas e tomou várias medidas para garantir que estaríamos prontos quando uma delas nos atingir. Depois de Maria, tivemos que lidar com muitos problemas, principalmente devido aos enormes danos ao meio ambiente e à infraestrutura da ilha, mas poderia ter sido pior se não tivéssemos levado a sério o lema do escoteiro: Esteja preparado.

PÁGINA 7

Nossos aviários na Floresta Estadual Río Abajo, na Floresta Estadual de Maricao e na Floresta Nacional El Yunque estavam se preparando para uma tempestade há algum tempo. Isso porque, duas semanas antes, o furacão Irma havia passado bem próximo à costa norte da ilha. Quando o Centro Nacional de Furacões emitiu um alerta para Irma, nossos protocolos de preparação para furacões entraram em vigor.

As instalações foram abastecidas com comida e água para os papagaios, bem como combustível para os nossos geradores. Felizmente, o quase acidente do furacão Irma causou apenas um grau modesto de danos em todas as três florestas, mas nenhum pássaro foi perdido em cativeiro ou na natureza. Quando o aviso para Maria foi dado, todos os bandos de papagaios em cativeiro foram transferidos para abrigos de concreto contra furacões. Dois membros da equipe de cada uma das instalações de papagaios em cativeiro (Floresta Estadual de Río Abajo, Floresta Estadual de Maricao e Floresta Nacional El Yunque) permaneceram em cada local para cuidar dos pássaros durante a tempestade. Em Río Abajo, esta tarefa difícil foi deixada para mim e meu colega de trabalho, Brian Ramos.

Ao raiar do dia 20 de setembro, o vento já estava forte e foi ficando mais forte até que o olho da tempestade passou sobre o aviário do Río Abajo por volta das 10h30. Quando o vento parou, Brian e eu saímos de nosso abrigo para ver a destruição. Ficamos surpresos quando um único papagaio começou a piar e voar. Ele se mudou para um pedaço de floresta perto de um dos edifícios e ficou em silêncio. Depois de uma hora e meia, a tempestade recomeçou com toda a sua violência, mas com ventos vindos da direção oposta. No dia seguinte, não saímos de nosso abrigo porque os ventos ainda estavam fortes e as árvores ainda estavam caindo.

{Citação}

"A ideia de que décadas de esforço de conservação poderiam ter sido desfeitas por uma tempestade que durou um dia e meio era impensável. Mas com tanta destruição, como um único papagaio poderia ter sobrevivido?"

~ Alberto Álvarez

legenda da foto

Acima: Duas gaiolas de reprodução danificadas pela tempestade.

PÁGINA 8

Na manhã do dia 22, ficamos maravilhados quando, logo ao raiar do dia, fomos acordados pelo som do canto dos papagaios selvagens. Saímos do abrigo para uma paisagem de total desolação. A movimentação era difícil devido a uma camada profunda de vegetação fragmentada e emaranhada que cobria tudo. Nossa primeira tarefa foi verificar os pássaros no abrigo contra furacões. Ficamos satisfeitos ao descobrir que todos eles estavam vivos e bem.

Alberto Alvarez: Assim que os ventos diminuíram, o biólogo Gustavo Olivieri e eu relatamos ao Centro de Operações de Emergência em San Juan para iniciar as operações de primeira resposta. Recebemos a incumbência de averiguar o

que aconteceu aos biólogos que ficaram para trás na Floresta do Rio Abajo e chegar até o local, se possível.

A primeira visão da floresta foi sombria e deprimente. A paisagem estava irreconhecível e o que restou mal podia ser chamado de floresta. Árvores esqueléticas cobriam o céu com galhos despídos ou caíam no chão como montes de detritos verdes e marrons. O aviário estava inacessível para veículos, pois a estrada agora era uma pista de obstáculos com galhos, folhas e deslizamentos de terra.

Levamos quase três horas para atravessar o parco trecho de estrada de uma milha que levava ao Aviário. De vez em quando, um de nós tentava entrar em contato com Brian e Ricardo pelo rádio, mas ouvíamos apenas estática em resposta. Por volta do meio-dia, nós dois finalmente chegamos a um emaranhado de cerca de arame coberto de galhos de árvore que outrora marcava o perímetro do Aviário José Vivaldi.

Depois de caminhar pelos escombros da tempestade, finalmente encontramos Brian e Ricardo. Eles saíram ilesos e ficaram satisfeitos em informar que todos os papagaios do rebanho cativo de Río Abajo sobreviveram à tempestade. Saberíamos mais tarde que os membros da equipe que ficaram para trás nas florestas de Maricao e El Yunque também resistiram à tempestade, junto com suas cargas emplumadas.

A situação no Rio Abajo tornou-se mais urgente quando soubemos que um galho de árvore havia causado a ruptura de um cano e que a maior parte dos 10.000 galões de água estocados para a tempestade vazaram para a terra. Brian e Ricardo vinham coletando água da chuva nos últimos dias como medida de emergência. Com a situação drástica da água, restabelecer o acesso ao Rio Abajo tornou-se uma corrida contra o tempo: a estrada precisaria ser desobstruída para que a água pudesse ser trazida de caminhão. No entanto, a enorme quantidade de destroços na estrada íngreme e sinuosa não pôde ser removida manualmente. Para piorar as coisas, o blecaute em toda a ilha e o colapso de todas as comunicações tornaram extremamente difícil solicitar ajuda adicional. As mensagens só podiam ser entregues pessoalmente, caminhando várias horas para fora da floresta e dirigindo em estradas cobertas de destroços para chegar ao Centro de Operações de Emergência em San Juan.

Ricardo Valentin: Nos dias que se seguiram ao furacão, os telefones morreram, não conseguimos encontrar nenhum sinal AM e, embora nossos rádios pudessem captar alguns sinais perdidos, ninguém parecia conseguir

nos ouvir. O mais assustador de tudo, as noites estavam extremamente escuras e não podíamos ver as luzes das cidades próximas, evidência de que o sistema elétrico da ilha havia colapsado completamente.

Embora nossa conexão com a rede elétrica tenha sido perdida durante o Furacão Irma, o sistema elétrico dentro do aviário de Río Abajo é principalmente subterrâneo e ainda estava em funcionamento. Tiramos alguns fios dos galhos caídos e em pouco tempo ligamos o gerador e tínhamos eletricidade.

{Legendas das fotos}

Esquerda: Papagaios sendo transportados para o abrigo contra furacões do Aviário.

À direita: Equipe do Río Abajo salvando gaiolas de reprodução após a tempestade.

PÁGINA 9

Agora, podemos finalmente voltar nossa atenção para cuidar do rebanho cativo. Era um trabalho árduo que demorava de oito a dez horas por dia, principalmente pela necessidade de levar água com as mãos às aves, lavar a louça e limpar tudo. Brian passou grande parte desse tempo cortando galhos com uma serra elétrica para que pudéssemos chegar às diferentes partes da instalação.

Depois que o acesso aos aviários foi restaurado, começamos a consertar as gaiolas e retirar as aves do abrigo contra furacões. As grandes jaulas de voo foram reparadas primeiro. Eles saíram da tempestade em boas condições, exceto em alguns lugares onde um galho pesado ou uma árvore os atingiu. A perda da cobertura durante a tempestade privou todas as gaiolas de sombra natural e as folhas de alumínio que protegiam as gaiolas do sol foram em sua maioria arrancadas. Tivemos que colher folhas de palmeira caídas para cobrir as gaiolas de voo e dar sombra aos pássaros.

Embora as gaiolas de voo tivessem sofrido poucos danos, as gaiolas de reprodução eram uma história diferente. No total, quase metade das gaiolas de reprodução de Río Abajo foram danificadas ou destruídas pela tempestade. Nos meses após o furacão, a equipe trabalhou duro com as gaiolas e 90% delas foram consertadas a tempo para a temporada de reprodução de 2018.

Foi um esforço monumental, mas conseguimos colocar o Aviário em forma para que nossos pássaros em cativeiro comecem a se reproduzir.

~

Embora a equipe tenha enfrentado sérios desafios, seus árduos esforços permitiriam que as aves se acomodassem e começassem a procriar novamente. Descubra como no próximo artigo, 'Sobreviventes da Tempestade'.

{BARRA LATERAL}

sobre os autores

Ricardo Valentín

Ricardo trabalha com papagaios porto-riquenhos desde 1990 e atualmente é avicultor do Aviário José Vivaldi na Floresta Estadual do Rio Abajo. Ricardo é responsável por manter a saúde e a produtividade reprodutiva do rebanho em cativeiro. Ao longo dos anos, ele ajudou a criar mais de 600 filhotes em cativeiro.

Alberto Álvarez

Alberto trabalhou com o projeto Puerto Rican Parrot Recovery de 2009 a 2020. Durante este tempo, ele trabalhou ativamente com o manejo e monitoramento de ninhos selvagens. Ele também foi a principal fonte de conhecimento técnico para muitos dos equipamentos de campo. Antes disso, ele trabalhou na conservação de tartarugas marinhas e iguanas ameaçadas de extinção.

{Legendas das fotos}

Acima: Um membro da equipe conserta gaiolas de reprodução após a tempestade.

PÁGINA 10

Artigo e fotos: Tanya Martínez

Survivors of the Storm

In the forest of Río Abajo on Puerto Rico, dawn breaks to a cacophony of “caw-caw-caw” sounds that render any alarm clocks obsolete.

The owners of these discordant voices, endangered Puerto Rican Amazons, endured the worst natural disaster to strike the island in almost 100 years. Against all odds, the wild parrots of Río Abajo survived the onslaught of hurricane Maria as it ripped through the island on September 20, 2017.

Mas sobreviver à tempestade foi apenas o começo de sua luta.

PÁGINA 11

FURACÃO MARIA DEIXOU ATRÁS DE UMA RUÍNA DE UMA FLORESTA.

As folhas, vinhas e galhos que antes se enredavam em um dossel verde exuberante se foram. Quase nenhuma folha permaneceu em qualquer árvore, e as penas cor de esmeralda dos papagaios destacaram-se em contraste marcante com os galhos nus. Em uma floresta sem vegetação, os papagaios não tinham onde se esconder e quase nada para comer.

Antes do furacão Maria, a floresta de Río Abajo era o lar de mais de 130 amazonas selvagens porto-riquenhas. Ao contrário de seus primos em cativeiro dentro do criadouro do Rio Abajo, os papagaios selvagens tiveram que enfrentar a fúria da tempestade sem a segurança de um abrigo de concreto contra furacões. Eles se agarraram às árvores, foram atingidos por ventos de 150 milhas por hora e foram ensopados por mais de 25 centímetros de chuva. A queda de galhos e galhos de árvore se debatendo provavelmente custou a vida de muitos. Apesar disso, documentamos pelo menos 110 sobreviventes da tempestade.

Infelizmente, os papagaios enfrentaram problemas ainda maiores depois que os ventos e as chuvas cessaram.

*Os amazonas porto-riquenhos são principalmente comedoras de frutas, e poucas árvores conseguiram manter seus preciosos frutos. A exceção foi a palmeira real (*Roystonea borinquena*), uma espécie de palmeira nativa que tem sido bem documentada para se manter firme e reter seus frutos, mesmo durante tempestades intensas. No entanto, os papagaios não eram os únicos pássaros que buscavam sustento nas resilientes palmeiras reais.*

Outras espécies de pássaros frugívoros começaram a competir com os papagaios pelo suprimento de comida restante. Logo ficou claro que medidas precisavam ser tomadas para evitar que os papagaios morressem de fome. Felizmente, os papagaios selvagens de Río Abajo são treinados para se aproximar das estações

de alimentação. Os alimentadores são suspensos em galhos altos e cheios de grãos e sementes comerciais de pássaros.

{Legendas das fotos}

Esquerda: um papagaio comendo Royal Palm após o furacão, uma das poucas fontes naturais de alimento para sobreviver à tempestade.

Acima: Amazonas porto-riquenhas fazendo bom uso das estações suplementares de alimentação nas semanas seguintes a Maria.

PÁGINA 12

Desde o início do programa de soltura em 2006, essas estações de alimentação têm servido como fontes confiáveis de alimento para papagaios recém-soltos. Após a tempestade, os alimentadores se tornaram uma tábua de salvação crucial para todo o rebanho de papagaios selvagens. Os pássaros famintos desciam sobre os comedouros em grupos de 60 ou mais, às vezes lutando entre si para ter acesso à comida. Durante as primeiras semanas após a tempestade, nossa equipe de biólogos teve que aumentar o número de estações de alimentação e enchê-las várias vezes ao dia apenas para atender às demandas dos papagaios.

Dos 110 sobreviventes originais da tempestade, apenas cerca de 70 puderam ser contabilizados até o final de fevereiro de 2018.

Não está claro se os membros do bando desaparecido sucumbiram à fome e aos predadores ou apenas se mudaram para novas áreas em busca de mais comida. A essa altura, a floresta do Rio Abajo estava mostrando sinais de recuperação, à medida que novas folhas e brotos brotavam nas árvores remanescentes. Uma vez que a vegetação rastejou de volta para o dossel, os papagaios podiam ser vistos mastigando os botões tenros do crescimento da floresta emergente. Agora, voltamos nossa atenção para a preparação para a próxima temporada de reprodução de papagaios que o furacão Maria fez o possível para interromper. Três cavidades de ninhos artificiais foram destruídas durante a tempestade e a maioria das árvores de ninho restantes sofreram danos e grande desfolhamento.

Para os humanos, se locomover na floresta era quase impossível. Praticamente todas as trilhas estavam bloqueadas pelos enormes galhos de árvores que agora estavam empilhados no chão da floresta. As trepadeiras rasteiras começaram a florescer no sub-bosque, tornando impossível andar em qualquer lugar sem tropeçar. Antes que pudéssemos sequer pensar em consertar nossos ninhos quebrados, tivemos que começar a cortar nosso caminho até eles. As trilhas tiveram que ser limpas manualmente, usando principalmente facões e motosserras. Todo o trabalho decorreu no calor escaldante de uma floresta que já não oferecia qualquer tipo de sombra.

Depois que as trilhas foram limpas, nossa equipe começou a trabalhar na instalação de novas cavidades de ninhos artificiais e no corte de galhos mortos das copas das árvores. Também projetamos e instalamos uma espécie de guarda-sol ao redor dos ninhos para protegê-los na ausência do dossel da floresta.

Assim que os preparativos foram concluídos, era hora de esperar os papagaios se reproduzirem ... ou não?

Em Río Abajo, a temporada de reprodução da Amazônia porto-riquenha geralmente vai de janeiro a julho. Os papagaios selvagens começam a reivindicar seus ninhos no início do ano e põem seus primeiros ovos no final de fevereiro ou início de março. Mas com o habitat drasticamente alterado e a falta de comida, ninguém tinha certeza do que esperar.

Muitos de nossos pares reprodutores estavam entre os sobreviventes documentados e todos nós tínhamos esperança de que pelo menos algumas dessas aves tentariam procriar.

PÁGINA 13

O mês de fevereiro veio e se foi, assim como março. Cada uma de nossas verificações semanais do ninho terminou em decepção. Em meados de abril, nossas esperanças quase desapareceram. Finalmente, no dia 23 de abril, recebemos a notícia que todos esperávamos. Um de nossos pares reprodutores selvagens botou um ovo! Mais pares colocaram ovos na mesma semana e um total de 12 pares aninhados durante este ano improvável. Foi o mais recente início de uma temporada de reprodução na história de Río Abajo.

O atraso na postura dos ovos foi apenas o primeiro dos desafios da temporada de reprodução. Os papagaios não foram as únicas espécies que vivem em cavidades a lutar após a tempestade. Algumas semanas depois que os pássaros começaram a nidificar, eles se viram atormentados por enxames de abelhas. A invasão de abelhas melíferas em ninhos de papagaios pode ter consequências mortais. O enxame de abelhas pode fazer com que a mãe papagaio abandone ou quebre seus ovos em perigo. As abelhas também podem matar filhotes ainda dentro de seus ninhos. Nossos biólogos tiveram que monitorar de perto os ninhos e intervir sempre que as abelhas invadiam uma cavidade, às vezes subindo na árvore do ninho no meio de um enxame! Ataques de abelhas no ninho de um papagaio foram tão graves que os ovos tiveram que ser removidos e incubados artificialmente.

{Legendas das fotos}

Página oposta, extrema esquerda: uma amazona porto-riquenha fêmea espia pela cavidade do ninho.

Página oposta, próximo à esquerda: O biólogo Alberto Alvarez instala uma nova cavidade de ninho artificial após o furacão.

Página atual, topo: Um instantâneo de um monitor de ninho de câmera mostra um ninho de papagaio sendo invadido por abelhas.

Página atual, canto superior direito: Dois pintos recém-nascidos e dois ovos dentro de uma das caixas-ninho artificiais no Río Abajo.

Página atual, meio à direita: Dois filhotes de quatro semanas dentro de um ninho artificial em Río Abajo.

Página atual, canto inferior direito: Um biólogo examina um filhote durante uma verificação de rotina do ninho.

PÁGINA 14

Ainda mais desafios surgiram quando os filhotes começaram a chocar. Durante um ano em que muitos papagaios estavam tendo problemas para encontrar comida suficiente para eles, alimentar seus filhotes também foi uma luta. Logo ficou claro que nem todos os filhotes de papagaios estavam prosperando. Três filhotes morreram de fome dentro de seus ninhos. Tivemos que remover dois outros filhotes de seu ninho e criá-los em cativeiro após o desaparecimento de sua mãe (acreditamos que ela foi levada por um predador). Monitoramos de perto o desenvolvimento de todos os filhotes restantes e, ocasionalmente, escalamos as árvores do ninho para fornecer alimentação suplementar para os filhotes que lutavam para ganhar peso.

Apesar das condições adversas do habitat, 18 filhotes conseguiram fugir dos ninhos selvagens. Esses juvenis eram uma adição bem-vinda à população selvagem, que havia diminuído drasticamente desde a tempestade. Eles também foram o único aumento para a população de psitacídeos selvagens em 2018. O habitat degradado e a infraestrutura danificada resultaram na interrupção de todos os esforços de liberação de psitacídeos naquele ano.

Dois anos depois da tempestade, os papagaios selvagens do Rio Abajo voltaram de forma impressionante.

Vinte e três papagaios foram libertados do cativeiro no verão de 2019 e 37 filhotes fugiram de ninhos selvagens durante a estação reprodutiva de 2019. Durante nossa última contagem de papagaios selvagens, estimamos que o rebanho selvagem havia novamente aumentado para números pré-Maria, um feito tremendo considerando as terríveis condições de habitat enfrentadas pelos papagaios na maior parte de 2018.

A resiliência dos papagaios após este desastre natural é uma prova do incrível programa de conservação e de todas as pessoas, parceiros e agências governamentais que trabalham todos os dias para trazer essa espécie de volta da beira da extinção. É uma história de desespero e devastação, mas também de esperança e vida nova. Apesar dos contratemplos sofridos pela espécie durante este período difícil, temos fé que os papagaios continuarão a se recuperar e prosperar no futuro. Por mais que tenhamos fé que o povo de Porto Rico seguirá seu exemplo.

{BARRA LATERAL}

SOBRE O AUTOR

Tanya Martínez

Tanya é a atual líder do projeto Puerto Rican Parrot Recover Project do DNER. Ela desenvolveu uma paixão por papagaios desde tenra idade. Ela trabalhou em áreas relacionadas ao resgate, pesquisa ou conservação de psitacídeos nos últimos 15 anos. Ela gosta de documentar a vida dos papagaios selvagens do Río Abajo por meio da fotografia.PAGE 15

OBRIGADO!

Em setembro de 2017, o Programa de Recuperação de Papagaios de Porto Rico estava se recuperando do impacto do furacão Maria. As florestas onde viviam os pássaros foram devastadas pela tempestade, muitos papagaios selvagens foram mortos, infraestruturas cruciais foram danificadas ou destruídas e o criadouro em cativeiro na Floresta Estadual de Río Abajo não tinha energia ou água corrente. Em meio a todo esse caos, recebi um e-mail do World Parrot Trust informando que a organização queria iniciar uma campanha de arrecadação de fundos para ajudar o projeto em Río Abajo a se recuperar da tempestade.

Em dezembro do mesmo ano, a campanha havia arrecadado mais de US \$ 30.000 para o benefício de nossos esforços de recuperação. Ficamos emocionados com a demonstração de apoio do público e maravilhados com o fato de tantas pessoas terem se reunido para ajudar nossos amados papagaios durante esses terríveis eventos. Desde então, o World Parrot Trust tem apoiado o Departamento de Recursos Naturais e Ambientais de Porto Rico em iniciativas relacionadas ao Projeto de Recuperação de Papagaios de Porto Rico. Isso incluiu tudo, desde um sistema de fornecimento de energia e água de emergência, que foram cruciais para estabilizar as operações nos primeiros dias após o furacão, até o treinamento avançado em escalada em árvores e instalação de ninhos.

O WPT também facilitou a troca de conhecimento científico entre biólogos de nosso projeto e aqueles de projetos de conservação de psitacídeos em outras partes do mundo. Somos extremamente gratos ao WPT e a todos os seus colaboradores e doadores por suas generosas contribuições. Com o seu apoio contínuo, nos esforçaremos para encher os céus de Porto Rico com ainda mais papagaios verdes gritando! ~ Tanya Martínez

PÁGINA 16

UM TESTE DE VONTADE:

Os efeitos do furacão Maria na Amazônia porto-riquenha e suas pesquisas

por Brian Ramos Guivas

A paternidade é difícil para muitas espécies. Mas imagine ser pai de uma ilha recentemente atingida por um furacão, que passou sobre sua casa e dizimou a maior parte do habitat de que você depende para se alimentar. Foi o que aconteceu com os papagaios porto-riquenhos quando o furacão Maria devastou Porto Rico.

PÁGINA 17

Eram quase 11h do dia 21 de setembro - um dia depois de Maria - quando saímos do abrigo contra furacões para uma devastação devastadora.

Fomos imediatamente verificar os papagaios em seu abrigo contra furacões e ficamos muito aliviados ao ver que todas as aves em cativeiro estavam vivas e bem. Esses sentimentos duraram pouco, porém, porque ainda estávamos preocupados com os pássaros selvagens. Perto do meio-dia, vimos um bando de cerca de 16 papagaios selvagens voando ao redor do aviário. Mas esses eram apenas 16 dos 134 papagaios estimados em nossa população selvagem antes da chegada do furacão Maria. Enquanto os pássaros voavam para o sul, pensei que fosse o fim dos meus 18 anos de trabalho para salvar essa espécie.

Mas então, enquanto eu estava perto da entrada das instalações por volta das 16h, ainda atordoado com a floresta devastada ao meu redor, 25 pássaros vieram voando do sudoeste. Fiz um barulho para comunicar minha presença que uso ocasionalmente com os pássaros em cativeiro, e todos os 25 pássaros pousaram no topo das poucas árvores restantes ao meu redor. Foi um momento muito emocionante, primeiro observando os destroços da floresta e, posteriormente, percebendo que alguns pássaros haviam conseguido sobreviver.

Fora da devastação, uma nova oportunidade

Durante meus 18 anos de trabalho com o programa de psitacídeos porto-riquenhos, nunca enfrentei condições tão difíceis como as que vivemos durante o furacão de categoria 5 e suas consequências. Um biólogo do programa, Ricardo Valentin, e eu passamos os furacões Irma e Maria nas instalações. Irma não causou muitos estragos na floresta, mas Maria era um monstro diferente.

Depois, nossa equipe passou quase quatro meses e meio preparando as instalações para a época de reprodução, trabalhando todos os dias com motosserras e facões, e consertando gaiolas. Durante a preparação, consegui entrar em contato com meu mentor na New Mexico State University. Além de estar preocupado com minha saúde e segurança, ele viu o furacão como uma oportunidade única de comparar o sucesso reprodutivo dos papagaios antes e depois de um evento ambiental tão catastrófico e estressante. Eu estava exausto pelos meses de trabalho árduo após Maria, mas minha curiosidade como cientista em saber mais sobre o comportamento reprodutivo e o sucesso reprodutivo dos papagaios era maior.

Uma das questões que tenho pensado há anos é por que os papagaios porto-riquenhos selvagens produzem mais filhotes por ninho do que suas contrapartes em cativeiro, que têm acesso ilimitado a alimentos e outros recursos, sem mencionar a proteção contra catástrofes ambientais. Imagine que a maior parte da fonte de alimento selvagem dos papagaios foi removida. Embora forneçamos pellets para aves selvagens, eles duram pouco tempo pela manhã; é como café da manhã para eles. Depois de comerem os grãos fornecidos, eles devem voar longas distâncias para buscar alimentos silvestres.

Aves em cativeiro têm comida disponível o dia todo, o que significa que não precisam voar longas distâncias para forragear e se preocupar com predadores e competidores. Mas as condições de cativeiro podem modificar o comportamento em várias espécies de animais, incluindo mamíferos, peixes e pássaros. Foi descoberto que animais capturados na natureza se reproduzem melhor em condições de cativeiro do que animais criados em cativeiro. No programa de psitacídeos de Porto Rico, todos os criadores em cativeiro são aves criadas em cativeiro.

As perguntas naturais a serem feitas são: quão diferente será o sucesso dos ninhos antes e depois de um furacão catastrófico de categoria 5 para as aves selvagens e em cativeiro, e haverá alguma diferença no sucesso dos ninhos entre aves em cativeiro e selvagens?

PÁGINA 18

Como estudo complementar, também estou perguntando como o estresse está relacionado ao sucesso do ninho em cativeiro. Na população reprodutiva em cativeiro, alguns casais podem criar mais de um filhote a cada ano, enquanto alguns pares criam um único filhote e outros não têm sucesso. É possível que alguns indivíduos em cativeiro estejam mais estressados do que outros, o que pode levar à ampla variação no sucesso reprodutivo que observamos na população cativa. O estresse pode desempenhar um grande papel no comportamento de cuidado parental. As fêmeas de papagaio porto-riquenho dependem do macho para alimentação durante a incubação e enquanto os filhotes são jovens e estão sendo criados. Um macho estressado pode fornecer menos comida para sua parceira, caso em que a tentativa de aninhamento pode falhar.

Nossa preparação para as condições do furacão em 2018 pode ter induzido altos níveis de estresse na população cativa. Tivemos que capturar pássaros e colocá-los em um abrigo contra furacões durante o furacão Maria, e os pássaros tiveram que ficar neste abrigo por semanas. Antes de Maria, tínhamos que mover as aves em cativeiro para o abrigo durante a Irma, embora elas tenham ficado menos de uma semana. Esses eventos de manejo e o tempo gasto em um local desconhecido podem ter estressado as aves em cativeiro mais do que as condições de cativeiro que experimentaram nos anos anteriores.

Desafios

Perdemos energia após o furacão Irma e, infelizmente, a energia não pôde ser restaurada antes de Maria tocar a terra. O furacão Maria danificou todos os sistemas de energia em Porto Rico. Devido à localização remota de nossas instalações, restaurar a energia aqui continua sendo um grande desafio. Sem energia, usei uma bateria ou uma usina de energia como fonte de eletricidade. Tínhamos um cronograma rígido para economizar energia. Tivemos que limitar a eletricidade para 6h - 8h30, 11h30 - 13h30 e 18h - 22h. Felizmente, evitamos essa falta de eletricidade para meu estudo com a população selvagem.

Nos anos anteriores, criei um sistema movido a bateria para alimentar uma câmera infravermelha e um DVR portátil, que pode gravar até 5 dias consecutivos com um cartão de memória de 32 GB. Para pesquisas com a população selvagem, eu só tive que configurar o sistema uma ou duas vezes por semana. Por outro lado, ainda era um desafio encontrar as baterias certas a um preço acessível.

A história era diferente para a população cativa. Dependíamos da usina para fornecer energia às instalações, mas não consegui registrar quando a usina estava desligada. Eu estava usando um sistema de vigilância regular, e o sistema movido a bateria que eu havia configurado para a população selvagem não era suficiente. O sistema de vigilância incluiu um gravador DVR, um monitor de 24 polegadas e 13 câmeras. Consegui equipar com júri alguns pequenos painéis solares junto com um inversor, o que me deu cerca de 2,5 horas a mais de energia em um dia ensolarado,

além da programação da usina, para toda a temporada de reprodução que começou no final de fevereiro até o final de junho.

Para medir os níveis de estresse nas aves, coletei amostras fecais para testar os corticosteróides antes e durante a estação de reprodução. Antes da época de reprodução, coletei amostras de machos e fêmeas, mas durante a época de reprodução apenas para os machos. Para coletar as amostras, usei uma prancha de PVC com 1,2 m de comprimento e 15 cm de largura. Coloquei essas pranchas sob a gaiola onde os pássaros pousavam durante a noite.

Após cada estação de reprodução, todos os pares são removidos de suas gaiolas de criação e colocados em gaiolas menores até a próxima estação de reprodução. Depois da tempestade, consertamos essas pequenas gaiolas (chamadas de gaiolas de retenção) e colocamos os pássaros nelas. Cada pássaro tinha sua própria gaiola ao lado de seu companheiro. Antes do início da temporada de reprodução, ia quase todos os dias por volta de

{Legenda da foto}

Acima: Aves nidificantes selvagens defendem sua cavidade de ninho.

PÁGINA 19

18h30, colocando a prancha sob as gaiolas e recolhendo-a no dia seguinte antes das 6h. Assim que começou a estação de reprodução e a postura de ovos, repeti o mesmo procedimento, mas agora com as aves em suas gaiolas de reprodução. Durante a época de reprodução, concentrei-me apenas nos machos, pois apenas as fêmeas incubam, o que significa que o macho é o único fora da gaiola à noite. Portanto, é mais fácil identificar qual indivíduo produziu a amostra.

Considerações finais

Foi uma longa, longa temporada. Como ficamos sem energia por um ano e cinco dias depois de Maria, foi um desafio manter a rotina normal; até o descanso foi difícil, pois sem eletricidade não há ventiladores para dar algum alívio do clima quente e úmido. Mas uma coisa que aprendi com essa experiência é que meu impulso de usar a ciência para continuar ajudando o papagaio porto-riquenho é mais forte do que a devastação do furacão. No final da temporada de reprodução de 2018, consegui terminar a coleta de dados para meu doutorado. Parece que os níveis de corticosteróides dos papagaios estavam mais altos logo após o furacão durante o período de pré-reprodução do que na temporada de reprodução de 2018.

O que faz com que esses níveis sejam mais altos durante a pré-reprodução do que nas estações de reprodução? Ainda não sabemos a resposta; pode ter sido relacionado à quantidade de atividade humana durante aquele tempo ou devido às flutuações naturais da espécie. Ainda estou trabalhando nos vídeos e espero que em breve todas as informações sejam analisadas. Acho que vai ser uma informação

realmente emocionante de como é o cuidado dos pais para condições normais e após um furacão de categoria 5.

{Legenda da foto}

Esquerda: Um sensor de temperatura preso à parede de um ninho de reprodução em cativeiro.

À direita: um papagaio novato ostenta uma coleira de rádio.

{BARRA LATERAL}

SOBRE O AUTOR

Brian Ramos Guivas

Brian começou a trabalhar para o Projeto de Recuperação de Papagaios de Porto Rico em dezembro de 1999. Ele é cativado pelo comportamento reprodutivo. Ele é alegremente conhecido como o papagaio “terapeuta sexual” por causa de sua habilidade de identificar pares reprodutores bem-sucedidos.

Atualmente, ele está estudando comportamento reprodutivo de psitacídeos para seu PhD na New Mexico State University.

PÁGINA 20

Atualização de Río Abajo:

Amazonas porto-riquenhas recebem ninhos muito necessários

por Tanya Martínez

Como parte dos esforços contínuos de conservação do papagaio porto-riquenho, biólogos do Departamento de Recursos Naturais e Ambientais de Porto Rico instalam caixas-ninho na copa da Floresta Estadual de Río Abajo.

Esta floresta é o lar da maior população sobrevivente de papagaios porto-riquenhos, com uma população em Río Abajo estimada em mais de 120 papagaios selvagens. Os papagaios são ninhos de cavidade secundária obrigatórios, o que significa que eles não constroem suas próprias estruturas de ninho e, em vez disso, dependem de cavidades naturais dentro das árvores para poder colocar ovos e criar seus filhotes. As cavidades naturais geralmente são encontradas apenas em árvores muito velhas. Como Porto Rico sofreu muito desmatamento na primeira metade do século 20, muitas das florestas não têm árvores maduras com cavidades naturais abundantes. Felizmente, os papagaios se adaptam bem a estruturas artificiais. Essas caixas-ninho são construídas com tubos de PVC e baldes de 5 galões. Os papagaios preferem fazer ninhos no alto, então os biólogos precisam escalar 12 a

50 pés no dossel para instalar os ninhos artificiais. As caixas-ninho são pintadas de modo que possam se misturar à árvore. A estrutura longa simula a profundidade de uma cavidade natural e fornece aos papagaios um local seguro e seco para depositar seus ovos. Uma pequena porta na parte inferior do ninho permite que os biólogos acessem os ovos e filhotes.

O World Parrot Trust doou os materiais usados para construir essas caixas-ninho. O WPT também trouxe o biólogo Mauricio Cuevas, para auxiliar na instalação das cavidades artificiais. Entre 2019 e 2020 instalamos 10 novas caixas-ninho na Floresta do Río Abajo.

{Legendas das fotos}

A partir da esquerda: Tomás Medina, Brian Ramos Guivas e Mauricio Cuevas construindo e instalando caixas-ninho.

Fotos © Tanya Martínez

PÁGINA 21

Os sons e vistas da Costa Rica

Fotos e artigo © Cheryl Rutherford

"A observação de pássaros depende muito de ouvir pássaros", pensei comigo mesmo enquanto estava parado na beira de uma estrada de terra na província Costarricense de Guanacaste, olhando para uma árvore de aparência bastante desalinhada com pequenos frutos pretos espinhosos saindo de entre Eu podia ouvir um grunhido baixo e muito satisfeito vindo de algum lugar no meio da folhagem.

Eu estiquei meu pescoço para cima, procurando as folhas manchadas e tentando localizar o farfalhar indistinto. Finalmente, minha perseverança foi recompensada e avistei dois periquitos-de-testa-laranja (*Eupsittula canicularis*) a poucos metros de mim, roendo serenamente as pequenas nozes pontiagudas.

Observei os periquitos por dez minutos, e durante todo o tempo que comeram, eles fizeram pequenos sons de satisfação que só poderiam ser papagaios para "Yum!" Mais tarde soube que se tratava de uma árvore guácimo (*Guazuma ulmifolia*), membro da mesma família à qual pertence o cacaueteiro. (Sim, o de chocolate!) Aparentemente, as nozes são usadas em bebidas de chocolate maias indígenas por causa de seu sabor doce e agradável aroma picante. Aprendendo isso, eu entendi

completamente os sons que os pássaros faziam enquanto saboreavam seu saboroso café da manhã!

No início da semana, meus ouvidos me levaram a uma figueira dourada situada ao lado de outra estrada de terra. Chegando ao ponto da confusão, fui recompensado com a visão de cerca de vinte periquitos de queixada alaranjada (*Brotogeris jugularis*) banqueteadando-se com frutos do tamanho de mirtilos no alto dos galhos ensolarados de uma árvore Higuierón (*Ficus* sp). Os loquazes pássaros seguravam a fruta até o bico como pequeninas maçãs amarelas e mastigavam a comida contentes.

PÁGINA 22

Embora avistar qualquer papagaio selvagem seja sempre uma emoção, uma visita à Costa Rica sem ver as araras seria negligente, e foi por isso que nos encontramos na Praia de Samara. Depois de dirigir as 4,5 horas de San Jose, estávamos a uma curta distância de Punta Islita. É aqui que se localiza a Rede de Recuperação de Macaw do WPT Partner Project, administrada pelo Dr. Sam e Sarah Williams.

A MRN trabalha com seus parceiros para impulsionar as populações silvestres de araras-vermelhas e grandes-verdes por meio de programas de reprodução e reintrodução, além de liderar projetos de educação e reflorestamento.

Ao planejar nossa visita, Sam ajudou a facilitar uma excursão ao campo, bem como um passeio fotográfico. Para a primeira excursão, juntei-me ao gerente assistente de pássaros da MRN Carey e às voluntárias Kylie e Lauren durante suas rondas de observação de campo matinais. A equipe me pegou antes do amanhecer, quando os macacos uivadores ainda estavam chamando ameaçadoramente pela floresta. Kylie dirigiu habilmente o 4x4 enquanto dirigíamos pelas estradas esburacadas e esburacadas em direção a Punta Islita. Nosso primeiro destino foi uma caixa-ninho que havia sido instalada em uma área de floresta onde havia duas palmeiras mortas que os pássaros estavam inspecionando.

Embora as palmeiras mortas sejam atraentes para as araras (exceto as opções de cavidades naturais em uma área), elas são perigosas e podem inundar com as chuvas e afogar os ocupantes: as árvores mortas não têm copa de folhas para proteção. Nossa sorte estava conosco e rapidamente avistamos o par de araras-vermelhas caçadoras de casas voando entre as palmeiras e o ninho.

Eles estavam claramente interessados em todos os três, embora um par de Kiskadee aninhando-os os expulsou de uma das palmeiras mortas. As araras passaram muito tempo olhando o ninho - e nós! - enquanto os três conservacionistas discutiam refinamentos adicionais (como adicionar mais opções de poleiro) para torná-lo ainda mais atraente para as aves.

A equipe decidiu voltar naquela tarde para derrubar a palmeira morta desocupada, deixando as Kiskadees na outra como um impedimento natural e o ninho como a única opção local para o casal de araras.

O próximo destino de campo era bem no meio da pequena cidade de Punta Islita. A cavidade natural do ninho ficava em uma árvore localizada entre a beira da estrada principal e a lateral de um campo de futebol infantil.

{Legendas das fotos}

Acima, à esquerda: Uma Arara Escarlata aparece em uma cavidade natural de ninho.

Acima, à direita: uma arara empoleira-se no alto da copa. Inferior direito: Um par inspeciona uma caixa-ninho artificial.

Learn how you can help support the conservation efforts of the Macaw Recovery Network by visiting their website: www.macawrecoverynetwork.org

{Photo *left and right:* Wild Scarlet Macaws. *captions}*
Inset: An Orange-chinned Parakeet dines on wild fruit.

PÁGINA 23

Embora não tenhamos visto a arara macho nesta manhã em particular, finalmente observamos a fêmea enfiando a cabeça para fora da cavidade à procura de seu café da manhã. O macho foi quem limpou a cavidade para ela no ano passado e é ele o responsável pela coleta durante a incubação dos ovos. Curiosamente, ele ocupou uma caixa-ninho que foi instalada na árvore cerca de três metros acima da cavidade natural onde a fêmea residia.

Nossa segunda excursão foi o “Café da Manhã com as Araras para Fotografia” oferecido pela Gerente de Visitas, Abi, na Reserva de Arara Selvagem Punta Islita da MRN. Mais de 50 araras vermelhas foram liberadas com sucesso na natureza neste local (as araras verdes são liberadas mais ao norte, na província de Heredia). Enquanto esperávamos a chegada das araras para o café da manhã, a Abi discutia com entusiasmo conosco o trabalho que a MRN está fazendo, bem como os planos futuros: além das araras, em breve poderá ser acrescentada a *Amazona auropalliata* em extinção. ao programa de reprodução e soltura.

Enquanto conversávamos, o grasnado e o tagarelar dos pássaros - e um pouco de briga amigável - encheram meus ouvidos. Araras vermelhas estavam chegando, voando sobre as árvores e empoleirando-se nos galhos em antecipação ao banquete. Preenchimento entre pares podia ser observado, o catch-up entre as aves estava em andamento e as oportunidades de fotos continuavam aparecendo uma após a outra. Havia até um par praticamente acima de nossas cabeças! Suas penas vermelhas contrastavam de forma vibrante com as folhas verdes, e flashes de amarelo e azul primários cintilavam nas árvores.

Por fim, Abi foi desenhar a estação de alimentação de aspecto natural e o café da manhã foi servido, com muito gosto. Havia mais de uma dúzia de pássaros, todos se revezando no bufê, alguns educadamente, alguns com um pouco mais de coragem ou timidez (dependendo de seu lugar na hierarquia social). Croaks, chocalhos, gritos repentinos e rosnados deixavam bem claro que as araras estavam tendo uma conversa completa: "Ei! Essa noz é minha! " "Uau, as laranjas estão doces esta manhã!" "Tire as penas da cauda da minha cara!" "Você é meio fofo!" "Então, o que todo mundo está fazendo hoje?"

Depois de saciar meu apetite por observar os pássaros (mas será mesmo isso possível?), Voltamos ao Centro de Visitantes para dar uma olhada na arte relacionada à arara na Loja de Presentes. A arte foi criada por artistas locais e conhecidos; oferecer esse espaço para os artistas ajuda a construir e reforçar o orgulho de ter araras selvagens voando por aí e as vendas beneficiam a MRN e os artesãos.

Peguei alguns tesouros que precisava levar para casa e nos despedimos. Caminhando para o estacionamento, conversas sobre pássaros ressoando em meus ouvidos, eu tinha algumas fotos coloridas na minha câmera e memórias maravilhosas no meu coração. 'Até a próxima, Costa Rica! Mal posso esperar para ver - e ouvir - você de novo!

PÁGINA 24

CAPE PARROT

Um plano de recuperação é lançado

por Rowan Martin PhD, Diretor do Programa WPT-África

A conservação de um dos papagaios mais ameaçados da África recebeu um impulso com o lançamento do "Plano de Ação para Conservação da Floresta do Papagaio do Cabo e Cinturão Névoa" O plano é resultado de muitas horas de esforço colaborativo e traça um rumo para a recuperação da espécie.

Os papagaios do cabo (*Poicephalus robustus*) são encontrados apenas na África do Sul, com populações espalhadas por fragmentos de floresta de cinturão de névoa. Até recentemente, seu status como espécie distinta era muito debatido. Mas em 2017, após uma reavaliação das evidências, esses papagaios carismáticos 'verdes e dourados' foram reconhecidos como separados do papagaio de pescoço marrom *Poicephalus fuscicollis*, que é amplamente distribuído na África e encontrado até a Gâmbia.

Embora pesquisas conduzidas nos últimos anos sugiram que os números dos Papagaios-do-Cabo sejam bastante estáveis, sua população pequena e fragmentada os deixa expostos a uma diversidade de ameaças. Após o

reconhecimento como uma espécie distinta, os Papagaios-do-cabo foram categorizados pela IUCN como globalmente "vulneráveis" à extinção.

Entre as maiores ameaças está a perda e degradação do habitat da floresta do cinturão de névoa do qual eles dependem. Os papagaios-do-cabo, como muitos papagaios, se alimentam de uma diversidade de alimentos, mas dependem particularmente dos frutos de *Podocarpus* sp. árvores, que são características da floresta do cinturão de névoa. Eles também precisam de cavidades em árvores grandes e maduras, ou troncos mortos para se aninhar. Esses recursos continuam a diminuir à medida que as populações humanas crescentes e as pressões do desenvolvimento invadem as áreas florestais remanescentes.

PÁGINA 25

Uma população próspera de Papagaios-do-Cabo atuando como um carro-chefe para a proteção e recuperação das florestas indígenas na África do Sul, para o benefício compartilhado das pessoas e da natureza.

A conservação eficaz e impactante geralmente é melhor alcançada por meio de um planejamento cuidadoso e inclusivo e, em reconhecimento a isso, em setembro do ano passado, 48 pessoas se reuniram em Hogsback, na África do Sul. Estes incluíram representantes do governo provincial e nacional, proprietários de terras, empresas florestais, organizações conservacionistas, grupos comunitários, guias de pássaros, estudantes, acadêmicos e outras partes interessadas.

O workshop envolveu dois dias de intensa discussão, que se estendeu até tarde da noite. Havia muito terreno a ser percorrido, mas ao final do workshop um plano preliminar estava em mãos com os detalhes mais finos resolvidos nos meses subsequentes por meio da colaboração com aqueles que não puderam comparecer. O plano deu grande ênfase à proteção e restauração de habitats, o que se reflete em seu título, mas foram incluídas ações para monitorar e enfrentar várias ameaças adicionais. Entre estes estão os impactos do vírus da doença do bico e da pena, o risco de "transbordamento" da doença devido à expansão das populações de periquitos invasores Ringneck (*Psittacula krameri*) e as ameaças às florestas nativas representadas por um besouro "broca" recentemente estabelecido.

Olhando para o futuro, a implementação do plano será coordenada por um comitê formado por representantes de diferentes regiões e áreas de atuação. Esta coordenação será liderada pelo Dr. Jess Leaver em um cargo generosamente financiado pelo Wild Bird Trust.

Uma das primeiras atividades é ver o plano publicado pelo governo sul-africano como um 'Plano de Gestão da Biodiversidade' nacional, uma etapa vital para garantir compromissos de longo prazo no nível mais alto para proteger uma das aves mais notáveis da África.

{Legenda da foto}

Discussões intensas para a conservação do Papagaio do Cabo. Fotos © Rowan Martin

{BARRA LATERAL}

Agradecimentos:

A diretora do programa da World Parrot Trust na África, Rowan Martin, trabalhou com uma pequena equipe do Cape Parrot Project, Cape Parrot Working Group, BirdLife South Africa, o Endangered Wildlife Trust e IUCN Conservation Planning Specialist Group para coordenar o workshop e produzir o plano de ação . Agradecemos as doações de vários apoiadores generosos que tornaram este workshop possível.

Plano de Ação de Conservação da Floresta de Cape Parrot e Mistbelt, online: tinyurl.com/cpsg-cpap

PÁGINA 26 - PSITTANEWS

A pesquisa do New Timneh Parrot na Guiné-Bissau mostra que o isolamento pode proteger as populações

Uma nova pesquisa sobre os papagaios Timneh descobriu que o isolamento de duas ilhas na Guiné-Bissau tem sido um fator importante na proteção contra ameaças. Combinando conhecimento local e pesquisas de campo, os pesquisadores que trabalham com o World Parrot Trust avaliaram o status e as ameaças aos Papagaios Timneh na Guiné-Bissau, destacando a importância de duas ilhas do Parque Nacional Marinho João Vieira Poilão na sua conservação. Os dados sugerem que o isolamento dessas ilhas protegeu amplamente as aves de ameaças, ou seja, perda de habitat e captura, que afetaram as populações de Timneh em outros lugares.

Para trabalhar com seus parceiros nesse esforço, o WPT recebeu uma bolsa do IUCN Save Our Species. As informações geradas a partir deste projeto ajudarão a orientar a gestão das áreas protegidas na Guiné-Bissau e as avaliações da Lista Vermelha para a espécie.

Leia mais sobre o trabalho do WPT:

parrots.org/projects/timneh-parrot

WPT e outros pedem ação para acabar com o comércio prejudicial de vida selvagem

Os especialistas vêm alertando há décadas sobre os riscos representados pelo comércio global de animais selvagens. Agora, essa prática está enfrentando um escrutínio cada vez maior, já que o COVID-19 trouxe o problema para o primeiro plano: agora parece provável que o vírus tenha se originado em um mercado de animais na China.

O World Parrot Trust tem trabalhado para acabar com o comércio prejudicial de psitacídeos selvagens por mais de 30 anos, apoiando as comunidades para proteger seus psitacídeos, investigando o comércio para entender seus impulsores e impactos e defendendo uma política eficaz e bem informada. Apesar dos desafios da pandemia COVID-19, o Trust continuará a lutar.

Consulte mais informações:

tinyurl.com/endtrade

Ajude os esforços de conservação relatando avistamentos de papagaios-de-ventre-laranja

A equipe de recuperação do Papagaio-de-ventre-laranja está pedindo um tipo único de ajuda durante a pandemia de COVID-19, já que seus levantamentos organizados foram afetados pelo surto.

Eles estão pedindo ao público para ficar de olho nesses delicados papagaios, especialmente perto de uma costa vitoriana ou do sul da Austrália que aceita papagaios ou um pântano salgado. Eles também observaram que um lançamento de outono acontecerá em dois locais, o que deve ajudar a aumentar as chances do público de detectar alguns.

Envie seus relatórios ou fotos por e-mail para:

obp.release@delwp.vic.gov.au

PÁGINA 27

Papagaios do Centro Kiwa e a pandemia COVID-19

Os papagaios que vivem no Kiwa Centre no Reino Unido precisam de sua ajuda em meio a esta pandemia. Pode custar mais de £ 1.000 por mês para alimentos e suprimentos de enriquecimento para atender às necessidades dos mais de 200 papagaios resgatados que residem lá. Para ajudá-los a superar esse período difícil, a equipe do Kiwa Center criou uma Lista de desejos da Amazon, onde as pessoas podem comprar itens para doar diretamente aos pássaros.

Por favor ajude! Veja a lista de desejos na Amazon:

tinyurl.com/kiwalist

Leia a história do Kiwa Center:

tinyurl.com/kiwacovid

Homenagem a Lee McGuire:

ABA Trainer, Parrot Advocate e WPT Friend

Lee McGuire aspirava entender e se comunicar com os papagaios ao longo de sua vida. Ela se dedicou a incentivar a prática da análise comportamental aplicada (ABA), uma forma respeitosa e humana de modificar comportamentos e enriquecer a vida de psitacídeos. Sua parceira de ensino por muitos anos, Susan G. Friedman, disse o seguinte:

“Infelizmente, nosso querido colega e amigo faleceu em 21 de fevereiro de 2020. Lee era profundamente amada e admirada por todos que ela tocava - muitos, muitos indivíduos afortunados de todas as espécies. Eu sei que todos nós vamos sentir falta dela. Por meio de seu compromisso infalível para melhorar a qualidade de vida de todos os alunos, Lee nos deixou um legado inestimável. Ela estará sempre conosco.”

Nós, do World Parrot Trust, sentiremos falta de suas contribuições práticas, freqüentemente bem-humoradas e extremamente valiosas para o nosso conhecimento dos psitacídeos como um todo.

Acesse edições anteriores em: Psittascene.org

Inglês, holandês, alemão, italiano, português, espanhol e sueco

PÁGINA 28

Papagaios na Natureza:

Maitaca-de-cabeça-azul

(Pionus menstruus)

Uma maitaca-de-cabeça-azul incipiente sai de uma cavidade de ninho em sua Colômbia natal. Encontrado na América do Sul, este pequeno papagaio vive em altitudes de até 1100m (3.608 pés) em florestas tropicais baixas, incluindo floresta tropical, decídua e savana; formações subtropicais, áreas cultivadas, plantações, clareiras com árvores, floresta de crescimento secundário e sazonalmente em floresta de caatinga seca.

Foto © Corey Raffel